

Comício da Candelária completa hoje 20 anos

Em livro sobre as Diretas-Já, Brizola revela como dobrou radicais do PT: 'Avisei que, se vajassem, seriam retirados'

Leticia Helena

• Na tarde daquela terça-feira, 10 de abril de 1984, não houve fila na porta dos cinemas cariocas que exibiam o documentário "Jango", de Sílvio Tendler. Em vez de assistir, na tela, às manifestações pró e contra que haviam marcado o governo de João Goulart, o carioca preferiu fazer História: um milhão de pessoas tomou a Avenida Presidente Vargas para pedir Diretas-Já. Vá lá que, 15 dias depois, o sonho de votar para presidente tenha naufragado na derrota da emenda Dante de Oliveira no Congresso. Mas quem foi às ruas naquela tarde de outono, não esquece.

— Foi um privilégio viver aqueles momentos. Tudo era feito por amor à causa — diz Fafá de Belém, musa das Diretas.

Brizola teve trabalho com esquerda radical

O Comício da Candelária é um dos destaques do livro "Diretas Já: 15 meses que abalaram a ditadura", de Dante de Oliveira e Domingos Leonelli. Principal organizador do evento, o então governador Leonel Brizola, hoje presidente de honra do PDT, contou aos autores que teve muito trabalho para domar a esquerda do PT. Temendo confusões — como as que haviam acontecido no comício da Praça da Sé, em São Paulo, em 25 de janeiro — não titubeou: convocou os integrantes da Brizolândia para vigiar os radicais.

"Sempre que se reunia uma multidão com o PT presente, havia as vaias aos líderes políticos que eram de outro tempo, que estavam voltando de um exílio pesado. Vaiava-se todo mundo", conta o ex-governador no livro. Ao chegar à Candelária, horas antes do comício, Brizola encon-



NO PALANQUE, Leonel Brizola, Franco Montoro, Tancredo Neves, Ulysses Guimarães e Fernando Henrique

trou os radicais com suas camisas amarelas. Avisou então que não seria tolerado desrespeito "a companheiros que venham nos dar solidariedade, venham de onde vierem".

Como os "camisas amarelinhas" não pareciam dispostos a desistir, Brizola pediu que, ao lado de cada um, ficassem três pedetistas, prontos para abafar as vaias. Do palanque, mandou o recado: "Vocês são bem-vindos, mas não valem. Se vaiarem, vão ser retirados do recinto. Sabe que eles foram embora?", conta o ex-governador no livro.

O comício mobilizou o carioca desde as primeiras horas da manhã de 10 de abril. Às 14h, ônibus e barcas liberaram as rotas. Lá perto, almoçavam num bar, na Rua da Alfândega, o locutor Osmar Santos e a atriz Christiane Torloni, que dividiriam a apresentação da manifestação com os atores Milton Nascimento e Lucélia Santos.

O governo também se mobilizava: no Hotel Guanabara, a

Polícia Federal ocupou o quarto andar, em linha direta com o Ministério da Justiça. No comando do I Exército, um telefone também acionaria imediatamente o ministro Walter Pires, em Brasília, em caso de emergência.

Manifestantes foram até fantasiados para o comício

Cuidados desnecessários. Aos poucos, os cariocas foram chegando, armados apenas de criatividade — muitos foram fantasiados ou portavam faixas e cartazes fazendo graça do oca-so do regime militar.

— Eu e um amigo fomos vestidos de presidiários. Dizíamos que era roupa de ministro. Foi um sucesso — lembra o publicitário Fernando Maciel, de 40 anos, que na época ainda era secundarista.

No palanque, coube ao então deputado Mário Juruna, já falecido, o primeiro momento de apoteose. "O povo brasileiro não é burro. Burros são os generais", disse ele, levando a platéia

ao delírio. Já o jurista Sobral Pinto, homenageado especial do comício, arrancou lágrimas: "Peço silêncio para falar. Quero falar à nação brasileira". A multidão se calou e ele leu o artigo 1º da Constituição ("Todo poder emana do povo e em seu nome é exercido"). Muita gente chorou.

A partir daí, a emoção deu o tom da festa. Foram 52 oradores, do líder estudantil Apolinário Ribeiro a Brizola, que encerrou a manifestação, propondo a autodissolução do Colégio Eleitoral e acrescentando, em tom confessional: "Hoje, o mais orgulhoso desse milhão de pessoas é o cidadão chamado Leonel Brizola". Osmar Santos anunciou o Hino Nacional. E a chuva, que ameaçara cair desde cedo, finalmente desabou. De alma lavada, o carioca voltou para casa, entoando os versos proféticos de "Pra não dizer que não falei de flores", de Geraldo Vandré: "Vem/ vamos embora/ que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora/ Não espera acontecer". ■



A AVENIDA tomada por manifestantes: um milhão pedindo Diretas-Já